

APLICABILIDADE DA TEORIA DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM CIDADES PEQUENAS: O CASO DA FEIRA-LIVRE DE CRUZ DAS ALMAS – BA

MAX WILLIAMS RIBEIRO CARDOSO ¹
CLAUDIO RESSURREIÇÃO DOS SANTOS ²

¹ Cardoso, Max Williams Ribeiro. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Maria Milza – FAMAM e Professor do Curso de Pedagogia da Faculdade Maria Milza - FAMAM. maxwilliamsrib@yahoo.com.br

² Santos, Claudio Ressurreição dos. Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia e Professor do curso de Geografia da Faculdade Maria Milza – FAMAM. calsantos_fsa@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objeto de estudo a feira-livre da cidade de Cruz das Almas - BA no circuito inferior da economia urbana, promovendo uma leitura geográfica sobre a mesma. Para tanto, foi aplicada a teoria dos dois circuitos da economia urbana, cuja autoria é de Milton Santos (1979). Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar a validade da teoria mencionada em tempos atuais e ressignificá-la, se necessário, visando a uma análise mais aprofundada da mesma. Com a finalidade de atingir os objetivos propostos, recorreu-se a fontes primárias e secundárias. Como fonte primária, foi realizado o trabalho de campo através da aplicação de formulários com os feirantes e entrevistas com lideranças da referida cidade, como o secretário de agricultura e o administrador do mercado, além dos próprios comerciantes que forneceram dados sobre a feira-livre. Como fonte secundária, procederam-se levantamentos bibliográficos para a revisão da literatura, além de levantamentos cartográficos. Os resultados encaminham-se para a seguinte reflexão: alguns aspectos referentes à feira-livre de Cruz das Almas não se inserem totalmente no circuito inferior da economia proposto pelo referido autor; portanto, mesmo sendo válida na atualidade, essa teoria precisa ser revisitada para compreensão da dinâmica sócio-espacial não só das grandes, mas também das pequenas e médias cidades dos países subdesenvolvidos.

Palavras Chave: circuitos da economia urbana; comércio; feira-livre

1 INTRODUÇÃO

A tentativa de classificar uma cidade quanto a sua posição na rede urbana torna-se uma tarefa complexa, uma vez que vários aspectos precisam ser levados em conta; e estes se circunscrevem desde o ponto de vista social, passando pelas dimensões políticas, até a questão geográfica. O critério instituído pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera enquanto variável, o número total da população, para proceder a classificação das cidades em grande, média e pequena. Sendo assim, as cidades com até 100 mil habitantes são classificadas como pequenas; as de 100 a 500 mil habitantes são dadas como médias, e as que têm mais de 500 mil habitantes são enquadradas como grandes cidades, fazendo com que, das 5.507 cidades brasileiras, 4.646 estejam na categoria das cidades pequenas.

Baseado no exposto infere-se que a lógica fixada para o estabelecimento do critério de classificação demográfica pelo órgão supracitado não contempla uma análise mais precisa da dinamicidade entre as cidades brasileiras, que em sua maioria estão registradas como cidades pequenas. Portanto, acredita-se que tal critério é simplista ao passo em que desconsidera outras nuances que potencializa as cidades como é o caso dos seguintes: oferta educacional, pólos industriais, entreposto comercial, influência governamental, entre outros.

De acordo com o senso demográfico realizado pelo IBGE, no ano de 2007, das 415 cidades do estado da Bahia submetidas à investigação por parte deste órgão de pesquisa, apenas 10 apresentam população acima de 100 mil habitantes, dentre as quais nove são consideradas cidades médias, e apenas 1, a cidade de Salvador, foi caracterizada como cidade grande, tendo em vista os efetivos populacionais anunciados. Para maior esclarecimento, significa dizer que 405 cidades estão enquadradas como cidades pequenas, e, entre elas, está a cidade de Cruz das Almas, com aproximadamente 54.718 habitantes (IBGE, 2009).

Aplicabilidade da teoria dos dois circuitos da economia urbana à feira-livre na cidade de Cruz das Almas - BA é o tema a ser abordado neste trabalho, o que permite ampliar os conhecimentos das relações de produção dos circuitos da economia urbana e seus respectivos efeitos na organização espacial da referida cidade. A importância deste tema justifica-se e ao mesmo tempo torna-se relevante por diversos fatores sócio-econômicos, como: a feira-livre concentra um número considerável de pessoas no

mercado formal e informal da economia, alarga as fronteiras do mercado e de consumo, principalmente para o migrante da zona rural, servindo de fonte de abastecimento para a população de um modo geral, além de ambulantes, camelôs, lanchonetes, restaurantes, mercearias e pequenos supermercados de bairros.

No que se refere à localização da feira-livre e seu setor de calçados, encontram-se localizados em pleno centro da cidade, na Praça do Lavrador, entre os cruzamentos das ruas: Artur Silveira, Floriano Mendonça e Praça Senador Temístocles. A partir disso, o presente estudo se propõe a responder à seguinte questão: até que ponto a feira-livre de Cruz das Almas se insere no circuito inferior da economia urbana?

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo analisar as atividades econômicas no comércio, especificamente o setor de calçados da feira-livre de Cruz das Almas – BA, orientando-se mediante a teoria dos dois circuitos da economia urbana proposta por Santos (2004).

A metodologia escolhida constou de duas fases: num primeiro momento, utilizaram-se de fontes secundárias, através de levantamentos bibliográficos. Em um segundo momento, recrutaram-se as fontes primárias, destacando-se o trabalho de campo, no intuito de se obter as informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa. Escolheu-se o setor varejista de calçados já que este nicho destoa dos demais ramos de atividades comerciais, com características do circuito inferior da economia. Os sujeitos escolhidos para a pesquisa foram 10 comerciantes junto aos quais foram aplicados nove formulários, já que um dos sujeitos recusou-se a responder o formulário que lhe fora destinado.

2 CIRCUITO SUPERIOR E INFERIOR DA ECONOMIA

Para construção do conhecimento acerca da feira-livre na cidade de Cruz das Almas – BA e a sua inserção no circuito inferior da economia urbana é de fundamental importância resgatar uma breve discussão acerca de conceitos relevantes para a geografia, como os de circuito superior e inferior da economia urbana e feira-livre, os quais servirão de base para este estudo. Esta teoria elaborada por Milton Santos, tema central do livro “O espaço dividido”, publicado no Brasil em 1979, resulta de estudos e pesquisas realizados em vários países do mundo, como: Tanzânia, Estados Unidos, Venezuela e França, onde o autor lecionou em diversas universidades Sposito (2004).

A grande contribuição desta teoria é analisar como está estruturada a organização espacial dos Países subdesenvolvidos a partir da renda desigual que geram dois sistemas de fluxos econômicos, cada um sendo um subsistema global que a cidade em si representa. Neste sentido, torna-se mais coerente explicar e analisar o processo de urbanização e suas contradições inerentes ao modelo de sociedade capitalista, produzindo assim espaços desiguais como reflexo do seu conteúdo social. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação e da manutenção, nas cidades dos países subdesenvolvidos de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços.

A diminuição do emprego formal na agricultura e na indústria cria consideravelmente estas atividades de pequenas dimensões nas cidades. Para tanto, vale analisar o quadro 1 que expõe a diferenciação entre esses dois níveis de circuitos econômicos, como: maior nível de tecnologia e de capitais, em contraponto aos países que demonstram possuir maior dependência a tecnologia, capital e do comércio exterior.

Quadro – 01 Características dos circuitos da economia urbana.

Características	Circuito Superior	Circuito Inferior
1 Tecnologia	1 Capital intensivo	1 Trabalho intensivo
2 Organização	2 Burocrática	2 Primitiva
3 Capitais	3 Importantes	3 Reduzidos
4 Emprego	4 Reduzido	4 Volumoso
5 Assalariado	5 Dominante	5 Não obrigatório
6 Estoques	6 Grandes quantidades e/ou alta qualidade	6 Pequenas quantidades Qualidade inferior
7 Preços	7 Fixos (em geral)	7 Submetidos à discussão
8 Crédito	8 Bancário institucional	8 Pessoal não-institucional
9 Margem de lucro	9 Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios	9 Elevada por unidade.
10 Relações com a clientela	10 Impessoais e/ou com Diretas, personalizados papéis.	10 menor em relação ao volume de negócios Desprezíveis
11 Custos fixos	11 Importantes	11 Nula
12 Publicidade	12 Necessária	12 Nula ou quase nula
13 Ajuda Governamental	13 Importante	13 Reduzida ou nula
14 Dependência direta Do exterior	14 Grandes, atividade voltada para o exterior	
15 Reutilizações dos bens	15 Nula	15 Frequente

Fonte: SANTOS, Milton. **Espaço Dividido**. São Paulo: Edusp, 2004, p. 4.

Percebe-se que os circuitos da economia urbana apresentam características distribuída em duas categorias, inferior e superior. Nesses níveis, são estabelecidas diferenciações no que tange às atividades econômicas entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, tendo por base a tecnologia, a organização no uso do capital, capital social, comercialização, contabilidade, relações sócio-econômicas, *marketing*, subsídios e dependência externa. Entretanto, destaca-se a organização econômica que se encontra estruturada por duas vertentes: a do circuito superior e a do inferior da economia de forma não dualista e sim dialética. Para Cardoso (2007, p. 32):

as características dos dois circuitos de produção presentes na feira-livre de Cruz das Almas, a partir dos parâmetros da tecnologia empregada, dos empregos produzidos, dos estoques das mercadorias, da formação dos preços, da operação do crédito, das margens de lucro, da reutilização dos bens e da relação com a clientela, observa-se uma hegemonia do circuito inferior nas relações de circulação e consumo dos bens e dos serviços, mas não de uma ausência do circuito superior, principalmente em dias de sexta e sábado, onde a feira-livre recebe consumidores da própria cidade e das regiões vizinhas em busca não somente dos produtos oferecidos na feira, mas dos bens e serviços mais sofisticados como: serviço médico, religioso, informativo, bancário entre outros.

Santos (1979) enfatiza que o circuito superior é constituído de bancos, comércio, pela indústria voltada para a exportação, indústria moderna. Por sua vez, o circuito inferior é constituído de atividades que não utilizam capitais de modo intenso, possuindo uma organização “tradicional”. Ressalta-se que o tema dos dois circuitos da economia urbana aparece então como um verdadeiro paradigma da geografia urbana dos países subdesenvolvidos para atender a um segmento populacional que possui um baixo poder aquisitivo.

Outra contribuição que valida e ressignifica a teoria dos dois circuitos da economia urbana é o trabalho de Silveira (2009), que analisa a inserção da cidade de São Paulo nesta teoria. A referida autora traz uma discussão sobre a expansão das estratégias e atividades do circuito superior. Segundo a mesma, estas ações atualmente “invadem os mercados tradicionalmente pertencentes ao circuito inferior” (SILVEIRA, 2009, p. 65). São estratégias utilizadas principalmente pelas grandes instituições financeiras que passam a liberar linhas de crédito para os segmentos sociais pertencentes ao circuito inferior.

Corrêa (2005) evidencia que uma das formas pelas quais está estruturada a rede de localidades centrais nos países subdesenvolvidos se dá a partir da compreensão sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana. Percebe-se que a autora não invalida a teoria de Walter Christaller (1981), mas a ressignifica por resgatar as diferenças de renda e classe social, promovendo uma reflexão sobre o método dialético Marxista. Com base em Corrêa (2005, p.73).

Os dois circuitos econômicos, no entanto, não podem ser vistos como constituindo um dualismo ou uma dicotomia urbana. Constituem, ao contrário, uma bipolarização, pois possuem a mesma origem, o mesmo conjunto de causas apresentando-se interligados.

O que significa dizer que existem articulações de complementaridade e de dependência envolvendo intercâmbios de insumos entre os dois circuitos. Em longo prazo, entretanto, prevalece a dependência do circuito inferior ao superior.

É importante salientar que a pobreza nos países subdesenvolvidos não se restringe apenas ao espaço das grandes cidades; esta característica se apresenta também nas suas pequenas e médias cidades. Neste sentido, Santos (1979, p. 371) que:

[...] esse mecanismo, responsável pela manutenção da pobreza tanto no pólo quanto na periferia, é o mesmo que explica a existência do circuito inferior, em toda parte, na rede urbana. Pobreza e circuito inferior são sinônimos. [...]

A fabricação de bens e certas formas de comércio e serviços compõem a ampla gama do circuito inferior, que atende, sobretudo, às entidades de classes desfavorecidas. Esta idéia é ainda reforçada por Silveira (2009, p. 67) que declara:

Contudo, nos dias de hoje, o crescimento do circuito inferior revela a existência de uma pobreza estrutural, isto é, não marginal nem ocasional, mas uma “produção científica, globalizada e voluntária da pobreza” (SANTOS, 2000, p. 72), que advém da crescente racionalização da sociedade e do território.

Desta forma, entende-se sobre a discussão de Santos (1979) que o circuito inferior é constituído de atividades que não utilizam capitais de modo intenso, possuindo ainda uma organização “tradicional”; isto se torna relativo para o tempo atual.

3 FEIRA-LIVRE

A maioria das feiras nordestinas deu origem a cidades que despontaram com a necessidade de vender e trocar produtos de diversos tipos, um costume bastante antigo que atrai até hoje pessoas dos mais variados locais para um ponto central de comercialização.

Na no nordeste brasileiro, as feiras são responsáveis pela centralidade das pequenas e médias cidades em seus principais dias de funcionamento, intensificando de forma significativa o número de pessoas nestes locais, (SILVA, 1989). Em Cruz das Almas acontece o mesmo: é justamente nos dias de feira, sexta e sábado, que aumenta a concentração populacional, atraindo grande número de pessoas provenientes da zona rural, da própria cidade e de outros municípios que procuram não somente o abastecimento doméstico ou de produtos de primeira necessidade, mas também atendimento médico, comercial e outros serviços.

No Recôncavo, várias cidades tiveram seus núcleos de povoamento originados a partir dos caminhos de boiada; justamente nos arredores desses pontos de negócios organizaram-se as feiras-livres. Estas cidades fizeram parte da história e também continuam a concretizar a integração de regiões diferentes Marx (1980), tendo assim um papel relevante para o abastecimento e ampliação do mercado interno no Recôncavo Baiano.

O marco inicial de toda história do Município de Cruz das Almas, ao contrário do que escreveu Santana (1997), se dá não apenas com o simples fincamento da cruz de madeira no centro do pequeno povoado, mas com os fluxos promovidos pelos tropeiros. O comércio de produtos alimentícios praticamente surge com o núcleo urbano, fazendo-se parte integrante das características deste núcleo. Surge, entretanto, como um esboço apenas, como um mecanismo comercial rudimentar, cujo sistema só se desenvolve para produção e comercialização interna. Um dos conceitos de feira-livre baseia-se em Santos e Aguiar (2007, p. 4) que afirmam:

A definição está atrelada à falta de uma estrutura física mais complexa, caracterizada pela presença de barracas cobertas por lonas e bancos de madeira entre outras, sua existência liga-se à presença de um espaço público para a realização das atividades da feira-livre.

Neste sentido, a feira-livre expressa a produção de um espaço de consumo caracterizado por uma estrutura improvisada, espontânea e não planejada, sendo esta feita de forma pessoal, direta, e corpo-a-corpo, o que lhe aproxima das atividades típicas do circuito inferior da economia.

4. IMPLICAÇÕES DO CIRCUITO INFERIOR NA FEIRA-LIVRE

Neste item, situam-se os dados obtidos a partir de formulários e entrevistas realizadas com os comerciantes varejistas e atacadistas com o objetivo de obter respostas da realidade investigada. Selecionaram-se dados referentes a: gênero, grau de escolaridade e local de residência dos entrevistados, relação de trabalho, comercialização dos produtos e crédito.

Com referência à variável gênero no setor de calçados, os entrevistados do sexo masculino são predominantes, com 77,8%; em contrapartida, o sexo feminino corresponde a 22,2% do total de entrevistados. Com relação ao grau de escolaridade, verificou-se que a maioria dos entrevistados possui o ensino médio completo, e estes somados aos que apenas concluíram o primeiro grau representam 66,4%, haja vista que não foram encontradas pessoas analfabetas entre estes feirantes. Os dados são de extrema relevância para o desenvolvimento da pesquisa, pois evidenciam que o setor de calçados na feira-livre de Cruz das Almas não corresponde à característica referente à qualificação da mão-de-obra proposta por Santos (1979, p. 45).

Esse circuito é o verdadeiro fornecedor de ocupação para a população pobre da cidade e os migrantes sem qualificação. Tudo isso está ligado às condições tecnológicas e financeiras das atividades desse setor e a suas relações com o conjunto da economia urbana.

Cruz das Almas é considerada atualmente como um pólo educacional, com a presença de várias instituições de ensino superior, além de vários colégios dos ensinos fundamental e médio das redes pública e privada. Este é um diferencial que repercute na qualificação da mão-de-obra do setor de calçados. Entretanto, apesar do relativo grau de escolaridade elevado, as pessoas deste segmento desempenham suas funções sem carteira assinada, característica do circuito inferior da economia.

Com base em trabalho de campo (2007), a maioria dos feirantes reside na cidade de Cruz das Almas, o que evidencia certa relação entre esta forma de comércio e a geração de empregos.

No que se refere à força de trabalho, predomina a mão-de-obra familiar, com um total de 55,5%. O salário, de certa forma, torna-se irrevogável; porém os entrevistados que trabalham recebendo salário mínimo correspondem a 45,5%, embora não possuam carteira assinada, em consonância com o circuito inferior da economia urbana. Contudo, verifica-se que até em segmentos caracterizados como Circuito Superior, como os supermercados, lojas especializados em calçados e confecções que se encontram localizados no entorno da feira-livre, encontram-se relações de trabalho que não têm este tipo de vínculo empregatício.

Apesar dos dois circuitos da economia se complementarem, permanecem com particularidades restritas às suas formas organizacionais. Para Santos (1979), o circuito superior apresenta uma organização “burocrática”, enquanto no circuito inferior a organização é “primitiva”. Entretanto, vale ressaltar com base em trabalho de campo (2007) que várias formas de organização dos feirantes do setor de calçados vêm sendo alteradas, sendo invadidas pela presença de elementos característicos do circuito superior da economia, como: o crédito bancário, o cartão de crédito e as próprias relações de trabalho assalariado. Neste sentido, Silveira (2009, p. 69) afirma:

O crédito bancário institucional foi historicamente burocrático, deixando extensas porções do mercado aos agiotas, isto é, a um crédito pessoal não-institucional, caro, fácil e direto. Os agentes do circuito inferior, que precisavam de liquidez, tornavam-se uma clientela cativa e dependente, e o agiota era um traço de união na economia urbana. As instituições financeiras bancárias e não-bancárias passam a cumprir esse papel. Podemos dizer que, hoje, o circuito superior reconhece a importância de desburocratizar o crédito, para estender suas oportunidades de lucro e, assim, os requisitos exigidos são mínimos. Todavia o custo desse crédito é extremamente alto, com taxas de juros que oscilam entre 5% e 13% ao mês.

Santos (1979, p. 39)) há muito tempo já previa estas transformações ao declarar.

Quanto ao circuito inferior, parece difícil chamá-lo tradicional, não somente porque é um produto da modernização, mas também porque está em processo de transformação e adaptação permanente e ainda porque, em todas as cidades uma parte de seu abastecimento vem direta ou indiretamente, dos setores ditos modernos da economia.

De acordo com essa abordagem, fica claro que não é apenas o fator tecnológico como uma variável isolada que vai caracterizar os circuitos da economia urbana, porém o processo de modernização de forma geral pode provocar alterações nos mesmos em sua forma organizacional, podendo estes passarem de inferior para superior com o tempo.

Ainda com base em trabalho de campo realizado no ano de 2007, verificou-se que neste segmento da feira nenhum feirante foi encontrado recebendo menos de um salário mínimo: 88,9% destes recebem um salário, enquanto 11,1% dos entrevistados recebem de dois a três salários mínimos. A remuneração se mantém em nível de salário mínimo ou acima do mesmo: “O emprego no circuito inferior, raramente é permanente, e sua remuneração situa-se com freqüência no limite ou abaixo do mínimo vital”. (SANTOS, 1979, p. 45).

Percebe-se que o emprego torna-se importante para o setor de calçados da feira-livre, não coincidindo totalmente com a realidade declarada pelo supracitado autor. É válido salientar que este segmento ainda possui relações de trabalho informais, que surpreende pelo fato de existir salário cima do “mínimo vital”.

Em consonância com as características do circuito inferior, a mão-de-obra é volumosa. A pesquisa de campo (2007) revela ainda que, do total dos feirantes, 77,8% possuem uma pessoa trabalhando e apenas 11,1% possuem dois funcionários. Entende-se que o mercado de trabalho alarga-se com a dinâmica econômica proporcionada pela referida feira.

Com base na comercialização dos produtos, os feirantes compram em quantidades razoavelmente elevadas, o que pressupõe uma negociação direta dos preços, devido ao fator distância de onde são adquiridas as mercadorias que, em sua maioria, são de cidades, como: Feira de Santana, Jequié, Salvador, Santo Antônio de Jesus, entre outros. Estas mercadorias excedentes são estocadas na própria residência ou em lojas no entorno da feira-livre que servem de depósitos provisórios.

A pesquisa sobre as atividades econômicas do setor de calçados da feira-livre de Cruz das Almas ainda revelou que 44,5% dos feirantes adquirem suas mercadorias com a utilização de cheque, e que 55,5% fazem uso das promissórias. “As atividades do circuito inferior são baseadas simultaneamente no crédito e no dinheiro líquido” (SANTOS, 2004, p. 44). A partir desse panorama, pontua-se que os comerciantes do

setor de calçados possuem crédito de 30 dias, o que facilita o pagamento mediante seus fornecedores, saindo desta lógica do dinheiro líquido e dispondo de mais crédito.

A linha de crédito para o setor de calçados da referida feira tem grande importância para as relações comerciais. O prazo de 30 dias fornecidos pelos atacadistas através de cheque, entre outros, é complementado ainda pelo crédito bancário. Sobre este tipo de crédito Santos (2004 p. 43-44) pondera:

As atividades do circuito superior dispõem do crédito bancário. Acontece frequentemente de as grandes firmas criarem e controlarem os bancos, o que é uma maneira de também controlar outras atividades e eventualmente absorvê-las. Uma boa parte dessas manipulações é feita por intermédio de papéis.

Além do crédito de 30 dias, constatou-se que um entrevistado dispunha de crédito bancário do banco Nordeste, conhecido como Crediamigo. Neste sentido, Santos (2004, p. 47) afirma:

As atividades do circuito superior usufruem direta ou indiretamente da ajuda governamental, enquanto as atividades do setor inferior não dispõem desse apoio e frequentemente são mesmo perseguidas, como no caso dos vendedores ambulantes em numerosas cidades.

O crédito bancário é caracterizado por intermédio do uso de papéis, imprimindo certa burocracia. Segundo Milton Santos, essa é uma característica presente apenas no circuito superior, sendo que na feira-livre de Cruz das Almas já existe esse tipo de financiamento comum às grandes firmas. Neste sentido, surge mais uma vez a necessidade de ressignificar a teoria dos circuitos para a feira-livre de Cruz das Almas.

Quanto à funcionalidade, observou-se que 66,7% dos feirantes atuam somente como varejistas, enquanto 33,3% destes atuam das duas formas. Sobre estas informações, Santos (2004, p. 44 -45) assera:

As atividades do circuito superior manipulam grandes volumes de mercadorias, enquanto que as do circuito inferior, tanto no comércio quanto na fabricação, trabalham com pequenas quantidades. Contudo, no circuito superior as quantidades também podem ser reduzidas.

Ressalta-se que este segmento da feira-livre traz um volume de mercadorias significativo, fugindo também à lógica do circuito inferior proposto pelo supracitado

autor, chegando até a competir com atacadistas de lojas especializadas localizadas no entorno da própria feira.

6. A TEORIA DOS DOIS CIRCUITOS E A FEIRA-LIVRE

Para ser feito um comparativo entre as características do circuito inferior e superior com o setor de calçados situado na referida feira-livre de Cruz das Almas, confeccionou-se um quadro comparativo onde foram identificadas as principais diferenças e semelhanças desta teoria de Santos (1979), contrapondo-a aos aspectos contemporâneos encontrados na feira.

Entende-se que as duas décadas finais do século marcaram a vigência de uma nova realidade, caracterizada pela quebra de barreiras políticas, econômicas, sociais, ambientais, culturais e tecnológicas. Vive-se o período técnico-científico-informacional em detrimento da infinidade de meios eletrônicos pelos quais as informações chegam aos diversos lugares (SANTOS; SILVEIRA, 2001) ligando, assim, uma infinidade de pessoas por redes cada vez mais velozes (CASTELLS, 1999).

Neste contexto, faz-se necessário articular a teoria e a prática vivenciada em trabalho de campo. O Quadro 2 expõe tal articulação.

Quadro – 2 comparativo das características dos circuitos da economia urbana com a feira - livre de Cruz das Almas - BA , 2009.

Características	Circuito Superior	Circuito Inferior	Setor de calçados da feira-livre de Cruz das Almas - BA
1 Organização	1 Burocrática	1 Primitiva	1 apresenta características burocráticas devido às relações comerciais “cheque, promissórias”.
2 Capitais	2 Importantes	2 Reduzidos	2 apresenta considerável movimentações de capitais.
3 Emprego	3 Reduzido	3 Volumoso	3 apresenta-se volumoso, característico do circuito inferior, mas com qualificação.
4 Assalariado	4 Dominante	4 Não obrigatório	4 o emprego assalariado torna-se uma realidade.
5 Estoques	5 Grandes quantidades.	5 Pequenas quantidade Quantidade inferior.	5 os feirantes estocam consideráveis quantidades de mercadorias, funcionam até como atacado.
6 Crédito	6 Bancário institucional	6 Pessoal não-institucional.	6 apresenta-se com características institucionais marcantes tendo acesso à linha de crédito.
7 Publicidade	7 Necessária	7 Nula ou quase nula	7 espontânea, propaganda oral.
8 Ajuda Governamental	8 Importante	8 Reduzida ou nula	8 possui crédito Governamental Crediamigo, do Banco do Nordeste.

FONTE: Trabalho de campo, 2007

É válido salientar que: as relações comerciais entre os feirantes apresentam certa burocracia, como utilização de cheques e promissórias; o emprego fixo torna-se uma realidade, resultando na remuneração de funcionários dos feirantes, a qual se encontra acima do nível vital, a qualificação da mão-de-obra também se apresentou evidenciada, quando se constatou neste trabalho que o grau de escolaridade torna-se significativo, qualificando os feirantes. Entretanto, um fato marcante é que este segmento da feira recebe crédito bancário, ou seja, “institucional”, como o Crediamigo, do Banco do Nordeste.

Declara-se que todas estas observações tornam-se complementos à teoria de Santos (1979); contudo, a mesma ainda permanece coerente para se estudar a dinâmica das cidades do mundo subdesenvolvido, porém exige algumas ressignificações. Entende-se que a globalização promove de forma veloz uma nova redefinição estrutural nos setores da economia global repercutindo no local, a exemplo da evolução nas relações comerciais do setor de calçados da feira-livre de Cruz das Almas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, foi comprovada a importância da feira-livre como sustento de uma parte significativa da população; por isso é que a feira-livre se constitui em um elemento dinamizador da cidade, fazendo com que o comércio em geral tenha uma maior movimentação nos dias de sexta e sábado. Sendo assim, é seguro afirmar que a feira-livre, enquanto “circuito inferior,” é a grande responsável pela dinamicidade das pequenas e médias cidades do Nordeste, a exemplo de Cruz das Almas, o que torna clarividente analisar a referida feira numa posição superior no contexto sócioespacial da referida cidade.

A teoria dos dois circuitos da economia urbana elaborada na década de 70 principalmente atrelada à realidade das grandes metrópoles dos países subdesenvolvidos, mas susceptível a sua aplicabilidade em cidades pequenas e médias, com eventuais ressignificações.

Diante do exposto, afirma-se que a feira-livre de Cruz das Almas se insere “relativamente” no circuito inferior da economia proposta por Milton Santos, haja vista que essa teoria precisa ser revisitada para a compreensão da dinâmica socioespacial das pequenas e médias cidades dos países subdesenvolvidos.

8. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 16 out. 2009.

CARDOSO, Max Williams Ribeiro. **A teoria dos circuitos da economia urbana: aplicabilidade à feira-livre de Cruz das Almas – BA**. Cruz das Almas – BA: [s.n.], 2007.

CHRISTALLER, Walter. **Os Lugares Centrais na Alemanha do Sul**. Tradução Mário Antônio Eufrásio. São Paulo, 1981. Mimeógrafo.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 287 p.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1999. 617p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico de 2007.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. **O lugar da feira-livre nas grandes Cidades capitalistas: conflitos, mudanças e persistências**. Rio de Janeiro, 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia Universidade Federal do Rio de Janeiro).

MARX, Murilo. **Cidade brasileira**. São Paulo: Edusp/ Melhoramentos, 1980.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos Países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos Países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, Claudio Ressurreição; AGUIAR, Salvador Santos. **Interações espaciais da Feira livre de Cruz das Almas e as atividades comerciais do entorno**. Artigo completo publicado nos anais – VII encontro nacional da ANPEG, 24 a 27 de Setembro de 2007, Niterói, Rio de Janeiro.

SANTOS, Claudio Ressurreição. **Interações espaciais do centro de abastecimento de Feira de Santana (CAF)**. 2003, Monografia (Especialização em Geografia do Semi - árido brasileiro) - Universidade Estadual de Feira de Santana.

SANTANA, A, M. **O livro do centenário - Marcos do progresso de Cruz das Almas**. Ed. especial. Cruz das Almas: Burrau, 1997. 185 p.

SPOSITO, Eliseu S. **Geografia e filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Unesp, 2004.

SILVA, M. E. **Feira Como Centralidade Urbana: O caso de Itabaiana**. Monografia (Curso de Especialização em Geografia da Agricultura). Aracaju, 1987. 57 p.

SILVEIRA, M. L. Finanças, Consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, Jan./Abr. 2009.